ISSN: 2358-8829

# INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A CRISE DA IMAGEM COMO FONTE HISTÓRICA EM SALA DE AULA

José Vitor da Silva Souza[1]
Patrícia Cristina de Aragão [2]

## INTRODUÇÃO

As grandes transformações históricas estão frequentemente relacionadas às mudanças nas formas de comunicação, produção e circulação de informações. Ao longo do tempo, os meios de comunicação passaram a desempenhar um papel importante na maneira como as sociedades conhecem e interpretam os acontecimentos. No Brasil, os jornais impressos constituíram, durante décadas, importantes veículos de informação, permitindo o acompanhamento de acontecimentos políticos, sociais e culturais, além de apresentarem fotografias, charges e outras representações visuais que participavam da construção de narrativas sobre a realidade. Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, essas formas de acesso e compartilhamento passaram por transformações significativas, ampliando a velocidade e o alcance da circulação de notícias, fotografias e vídeos.

Essa ampliação também trouxe novos desafios, como a disseminação de informações falsas e a manipulação de conteúdos visuais. Embora a alteração de imagens não seja recente, o desenvolvimento de ferramentas de inteligência artificial generativa introduziu novas possibilidades nesse processo, permitindo a criação de representações visuais com elevado grau de verossimilhança, inclusive de pessoas, acontecimentos e situações que não correspondem necessariamente a eventos reais.

Esse cenário desperta questionamentos sobre a relação entre imagem e realidade, especialmente quando representações visuais são utilizadas para informar, construir memórias coletivas ou fundamentar interpretações sobre acontecimentos históricos. No

[1] Licenciando em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista PIBID. E-mail: vitor.j@aluno.uepb.edu.br
[2] Docente efetiva do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Coordenadora de Área do PIBID. E-mail: patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br
* Trabalho resultante das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Edital nº 017/UEPB/PROGRAD, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

campo da História, as imagens constituem importantes fontes documentais, desde que submetidas a procedimentos críticos que considerem suas condições de produção, seus contextos de circulação e as intencionalidades envolvidas em sua elaboração. Diante da possibilidade de produzir imagens sem correspondência direta com acontecimentos efetivamente ocorridos, torna-se necessário refletir sobre os desafios que essas tecnologias impõem à análise das fontes visuais.

A problemática também apresenta implicações para o ensino de História, uma vez que fotografias, pinturas, charges e outras representações são frequentemente utilizadas como recursos pedagógicos na Educação Básica. Em uma sociedade marcada pela intensa circulação de conteúdos visuais, como desenvolver práticas de leitura crítica que considerem não apenas aquilo que uma imagem apresenta, mas também sua procedência, suas condições de produção e sua relação com outras evidências? Essa questão ganha maior complexidade diante de imagens produzidas artificialmente, que podem ser confundidas com registros de acontecimentos reais.

Diante dessas considerações, o presente artigo tem como objetivo analisar os desafios epistemológicos e pedagógicos colocados pela inteligência artificial generativa à utilização da imagem como fonte histórica, discutindo suas implicações para o ensino de História na Educação Básica. Trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica, fundamentada em quatro eixos de discussão: a historiografia, a partir de Marc Bloch (2002) e Jacques Le Goff; os estudos sobre fotografia e imagem, com Boris Kossoy (2002; 2012); as reflexões de Jean Baudrillard (1991) sobre as relações entre representação e realidade; e o ensino de História, com base nas contribuições de Circe Bittencourt (2004). Esse diálogo teórico busca articular a crítica documental, a interpretação das imagens e os desafios de sua utilização no ambiente escolar.

A pesquisa parte da hipótese de que a inteligência artificial generativa não inviabiliza o uso das imagens como fontes históricas, mas torna ainda mais necessário o aprofundamento dos procedimentos de crítica documental e o desenvolvimento de práticas de letramento historiográfico digital. Essas práticas podem contribuir para que os estudantes estabeleçam uma relação mais investigativa e crítica com as representações visuais que circulam na sociedade contemporânea, considerando suas condições de produção, circulação e utilização, bem como sua relação com os acontecimentos que representam.

ISSN: 2358-8829

## METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter teórico-bibliográfico, articulada à análise documental de duas reportagens publicadas pelo "Estadão Verifica" em outubro de 2026. A investigação busca compreender os desafios epistemológicos e pedagógicos colocados pela inteligência artificial generativa à utilização da imagem como uma fonte histórica, relacionando as discussões historiográficas e os estudos sobre representação visual às questões contemporâneas de produção e circulação de imagens sintéticas.

A pesquisa bibliográfica fundamenta-se principalmente nas contribuições de Marc Bloch (2002) e Jacques Le Goff (1990) acerca de crítica documental e da construção do conhecimento histórico; de Boris Kossoy (2002; 2012), no que se refere às questões ligadas à fotografia e à interpretação das imagens; Jean Baudrillard (1991), para problematizar as relações entre representação e realidade; Circe Bittencourt (2004), no que diz respeito ao uso de imagens e ao ensino de História. Essas contribuições serão articuladas de modo a estabelecer relação entre a crítica das fontes visuais, as possibilidades de produção de imagens por inteligência artificial e os desafios de sua abordagem no contexto escolar.

O corpus documental é constituído por duas reportagens de checagem, a primeira, de Giovana Frioli, intitulada "Imagem de trabalhadora limpando pichação em metrô na Paulista foi criada por inteligência artificial", publicada em 13 de outubro de 2026; e a segunda, de Eva Pires, intitulada "Montagem que compara atos de esquerda e direita na Paulista foi gerada com inteligência artificial", publicada em 21 de outubro de 2026. A seleção desses materiais justifica-se pela possibilidade de examinar duas situações distintas de circulação de imagens sintéticas, a representação de uma cena associada a um espaço e a um acontecimento real e a construção de uma comparação visual com implicações políticas.

A análise vai ser guiada a partir de quatro aspectos centrais, as características das representações visuais apresentadas, os contextos e as formas de circulação das imagens, os procedimentos de verificação e as evidências mobilizadas pelas reportagens e as possibilidades de utilização desses casos para discutir a crítica documental e a leitura de imagens no ensino de História. Por fim, os resultados da análise documental serão colocados em diálogo com o referencial teórico, buscando sistematizar

ISSN: 2358-8829

possibilidades de abordagem pedagógica que contribuam para o desenvolvimento de uma leitura crítica das representações visuais na sociedade contemporânea.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão da imagem como uma fonte histórica exige, inicialmente, uma reflexão sobre o próprio conceito de documento e sobre os procedimentos utilizados na construção do conhecimento histórico. A historiografia não se limita à coleta e à descrição de registros do passado, uma vez que a investigação histórica envolve problemas, a interpretação dos vestígios disponíveis e a análise das condições em que foram produzidos. Nesse sentido, as contribuições de Marc Bloch e Jacques Le Goff permitem discutir a historicidade dos documentos e a necessidade de submetê-los a procedimentos de crítica e interpretação.

Em "Apologia da História ou o Ofício do Historiador", Bloch (2002) apresenta uma concepção de investigação histórica que atribui importância fundamental aos questionamentos formulados pelo historiador diante dos vestígios do passado, como pode se observar no trecho:

> "Pois os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los. Antes de Boucher de Perthes, os sílex abundavam, como em nossos dias, nos aluviões do Somme. Mas faltava o interrogador e não existia pré-história. Velho medievalista, confesso não conhecer leitura mais atraente do que um cartulário. É que sei aproximadamente o que lhe perguntar. Uma coletânea de inscrições romanas, em contrapartida, me diz pouco. Se com dificuldade consigo lê-las, não sei solicitá-las. Em outros termos, toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção. No princípio, é o espírito. Nunca [em nenhuma ciência,] a observação passiva gerou algo de fecundo. Supondo, aliás, que ela seja possível." (BLOCH, 2002, p. 79)

O documento, nessa perspectiva, não deve ser tratado como um registro capaz de oferecer respostas imediatas ou transparentes sobre os acontecimentos. Sua utilização depende das perguntas que orientam a investigação e do exame crítico das informações que pode fornecer. Além disso, a diversidade de vestígios disponíveis para a pesquisa histórica amplia as possibilidades de investigação para além dos registros escritos, permitindo considerar diferentes manifestações da atividade humana como objetos de análise histórica.

ISSN: 2358-8829

Essa perspectiva é relevante para pensar a utilização das imagens como fonte, pois impede que sua interpretação seja reduzida àquilo que aparentam representar. Uma fotografia, por exemplo, pode oferecer indícios sobre determinado acontecimento, mas sua compreensão exige investigar as circunstâncias de sua produção, os elementos e os sentidos que lhe foram atribuídos. A imagem precisa, portanto, ser interrogada pelo pesquisador, assim como qualquer outro documento histórico. A crítica documental não consiste apenas em verificar se um registro é autêntico, mas também em compreender seus limites e avaliar quais informações podem ser sustentadas a partir dele.

As reflexões de Le Goff (1990) também contribuem para o aprofundamento da discussão ao problematizar a relação entre documento, memória e poder. Os documentos não podem ser compreendidos exclusivamente como registros neutros dos acontecimentos, pois sua produção, conservação e transmissão estão relacionadas às sociedades que os constituíram e aos interesses que atravessam esses processos como o próprio autor evidencia no trecho:

> "O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele [Pg. 548] traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo." (LE GOFF, 1990, p.472)

Desse modo, o trabalho do historiador envolve investigar tanto as informações presentes nos documentos quanto às condições históricas que influenciaram sua constituição e sua permanência como vestígio do passado.

Essa compreensão permite ampliar a reflexão sobre as imagens que circulam na sociedade contemporânea. Imagens digitais, fotografias manipuladas e conteúdos produzidos por inteligência artificial generativa também possuem condições específicas de produção, circulação e apropriação. Sua aparência visual, isoladamente, não é suficiente para determinar sua procedência nem para comprovar a ocorrência dos acontecimentos representados. Torna-se necessário investigar quem produziu ou divulgou determinada imagem, em qual contexto ela circulou, quais sentidos lhe foram

ISSN: 2358-8829

atribuídos e quais evidências permitem sustentar sua relação com o acontecimento apresentado.

A partir dessas considerações, a ampliação do conceito de documento histórico não significa aceitar indiscriminadamente qualquer representação como evidência de tudo aquilo que aparenta mostrar. Pelo contrário, implica reconhecer a diversidade dos vestígios que podem ser investigados historicamente e, simultaneamente, aprofundar os procedimentos necessários à sua interpretação. No caso das imagens pode constituir uma fonte para investigar as práticas tecnológicas, os discursos e as disputas de sentido de seu próprio tempo, sem necessariamente oferecer evidências confiáveis sobre o acontecimento que representa . Essa distinção fundamenta a discussão sobre a crítica das imagens e seus desafios para a pesquisa histórica e o ensino de História.

A utilização de imagens como fonte histórica exige compreender que as representações visuais não constituem reproduções neutras ou transparentes da realidade. Fotografias, pinturas, ilustrações e outras formas de representação são produzidas em contextos específicos e carregam escolhas, intencionalidades e sentidos que precisam ser investigados. Nesse sentido, as contribuições de Kossoy (2002; 2012) para os estudos da fotografia e de Bittencourt (2004) para o ensino de História permitem refletir tanto sobre as possibilidades interpretativas das imagens quanto sobre os cuidados necessários à sua utilização em sala de aula.

Em “Fotografia & História” e “Realidades e Ficções na Trama Fotográfica” Kossoy (2002;2012) discute a fotografia como uma representação construída a partir de determinadas condições históricas. Embora possa apresentar elementos de uma situação efetivamente existente, a imagem fotográfica não deve ser compreendida como uma reprodução integral da realidade. A escolha do enquadramento, do momento do registro e dos elementos que compõem a cena interfere naquilo que será apresentado ao observador. Além disso, a fotografia pode adquirir novos sentidos conforme seus usos, suas legendas e os contextos em que circula. Por isso, sua análise histórica requer atenção tanto ao conteúdo visual quanto às circunstâncias de produção e utilização do registro.

Essa perspectiva contribui para questionar a ideia de que uma imagem, por parecer realista, necessariamente comprova o acontecimento que representa. A fotografia precisa ser interrogada como qualquer outro documento considerando-se sua procedência, seu contexto e sua relação com outras evidências. A crítica da imagem,

ISSN: 2358-8829

portanto, não se resume à identificação do que está representando, mas envolve compreender como aquela representação foi construída e quais informações é possível extrair dela. Esses cuidados tornam-se especialmente relevantes diante de imagens produzidas ou modificadas por inteligência artificial generativa, cuja aparência pode simular registros de acontecimentos que não ocorreram da maneira apresentada.

No campo do ensino de História, Bittencourt (2004) permite pensar as imagens como recursos que podem contribuir para a aprendizagem histórica, desde que sejam trabalhadas para além de sua função ilustrativa. A presença de fotografias, pinturas e outras representações nos materiais didáticos não garante, por si só, uma abordagem crítica. É necessário criar situações em que os estudantes investiguem as imagens, formulem perguntas, relacionem-nas ao contexto histórico estudado e compreendam que toda representação possui condições específicas de produção e interpretação.

Desse modo, o trabalho pedagógico com imagens pode favorecer o desenvolvimento de procedimentos de investigação histórica, aproximando os estudantes da análise das fontes e da construção do conhecimento. Em vez de utilizar a imagem apenas para confirmar uma informação apresentada pelo professor ou pelo livro didático, é possível tratá-la como um documento que exige questionamentos “Quem a produziu?”, “Em quais circunstâncias”, “O que foi representado e o que ficou de fora?”, “Que sentidos essa representação pode produzir?”. Tais questões contribuem para desenvolver uma postura investigativa diante dos registros visuais.

A expansão das ferramentas de inteligência artificial generativa intensifica a importância desses procedimentos, pois amplia as possibilidades de produção de imagens visualmente convincentes sem que elas correspondam necessariamente a registros de acontecimentos reais. Isso não significa que a crítica das imagens tenha surgido com essas tecnologias, mas que os procedimentos já necessários à análise histórica precisam considerar novas condições de produção e circulação visual. Assim, a articulação entre a crítica da fotografia e o uso pedagógico das fontes visuais oferece uma base para discutir como o ensino de História pode enfrentar os desafios contemporâneos da autenticidade, da verossimilhança e da interpretação das imagens.

O desenvolvimento das tecnologias digitais e, mais recentemente, das ferramentas de inteligência artificial generativa ampliou significativamente as possibilidades de produção e manipulação de imagens. Diferentemente de técnicas tradicionais de edição, essas ferramentas permitem produzir representações visuais a partir de comandos

ISSN: 2358-8829

textuais, criando cenas, personagens e situações que podem apresentar elevado grau de realismo, mesmo sem corresponder a acontecimentos efetivamente registrados. Esse cenário torna mais complexa a relação entre imagem e referente, isto é, entre aquilo que é visualmente representado e a realidade à qual a representação supostamente se refere.

Para problematizar essa relação, as reflexões de Baudrillard (1991), especialmente em “Simulacros e Simulação" (1991), oferecem possibilidades de discussão. Ao abordar as relações entre realidade, representação e simulacro, o autor questiona a compreensão das representações como simples reproduções de uma realidade preexistente. Embora sua reflexão não trate diretamente das ferramentas contemporâneas de inteligência artificial generativa, seus conceitos permitem estabelecer um diálogo com as imagens sintéticas, sobretudo quando estas passam a circular como representações de acontecimentos que não ocorreram da maneira apresentada. Nesse contexto, a aparência de realidade pode adquirir maior importância na circulação de uma imagem do que sua efetiva correspondência com os acontecimentos.

Essa questão pode ser observada em situações recentes de circulação de imagens produzidas por inteligência artificial. Uma delas foi abordada por Giovana Frioli, em reportagem publicada pelo “Estadão Verifica”, em 13 de outubro de 2026, intitulada “Imagem de trabalhadora limpando pichação em metrô na Paulista foi criada com inteligência artificial”. O caso chama atenção por envolver uma representação visual associada a um espaço urbano real e a uma situação que poderia ser interpretada como registro de um acontecimento cotidiano. A utilização de elementos reconhecíveis do espaço urbano contribui para conferir verossimilhança à representação, embora sua aparência não seja suficiente para comprovar que a cena ocorreu tal como apresentada.

Outro exemplo aparece na reportagem de Eva Pires, publicada em 21 de outubro de 2026, também pelo “Estadão Verifica”, intitulada “Montagem que compara atos de esquerda e direita na Paulista foi gerada com inteligência artificial". Nesse caso, a produção de imagens sintéticas é utilizada na construção de uma comparação visual entre manifestações políticas. Além da questão da autenticidade das representações, a montagem permite discutir como imagens podem participar da elaboração de narrativas sobre grupos sociais e disputas políticas. A organização visual e a associação entre as cenas podem orientar a interpretação do público, atribuindo sentidos e características aos grupos representados.

ISSN: 2358-8829

Os dois casos evidenciam que os desafios relacionados às imagens sintéticas não se restringem à possibilidade de identificar se determinada representação foi produzida por inteligência artificial. Também é necessário investigar os contextos em que essas imagens são divulgadas, as alegações que as acompanham e os sentidos que podem produzir durante sua circulação. Nesse sentido, a verificação da procedência e a comparação com outros registros tornam-se procedimentos fundamentais para avaliar o que uma imagem efetivamente permite afirmar sobre determinado acontecimento.

Entretanto, é importante destacar que uma imagem produzida artificialmente não perde necessariamente seu valor como objeto de investigação histórica. Embora possa não constituir uma evidência confiável do acontecimento que representa, ela pode oferecer elementos para compreender as práticas tecnológicas, os discursos, os interesses e as disputas de representação de uma determinada sociedade. Assim, uma imagem sintética pode ser investigada historicamente não apenas pelo conteúdo que apresenta, mas também pelas circunstâncias de sua produção, circulação e apropriação. A questão central, portanto, não consiste em estabelecer uma oposição simples entre imagens verdadeiras e falsas, mas em compreender quais informações cada representação pode oferecer e quais procedimentos são necessários para interpretá-la criticamente.

Dessa forma, a inteligência artificial generativa intensifica desafios já presentes na crítica das fontes visuais, exigindo atenção às relações entre representação, realidade e evidência histórica. Essa discussão ultrapassa o campo da pesquisa historiográfica e alcança diretamente o ensino de História, uma vez que estudantes estão constantemente expostos a imagens cuja procedência e autenticidade nem sempre são evidentes. Torna-se necessário, portanto, discutir estratégias pedagógicas que permitam transformar essas representações em objetos de investigação, contribuindo para o desenvolvimento de uma leitura crítica das imagens que circulam na sociedade contemporânea.

As transformações nas formas de produção e circulação de imagens colocam novos desafios para o ensino de História, especialmente diante da presença crescente de conteúdos produzidos por inteligência artificial generativa nos ambientes digitais. Nesse cenário, torna-se importante desenvolver práticas pedagógicas que ultrapassem a simples identificação de imagens falsas, estimulando os estudantes a compreenderem as condições de produção, circulação e utilização das representações visuais. Essa

ISSN: 2358-8829

perspectiva aproxima a crítica documental, discutida ao longo deste trabalho, das necessidades de formação histórica na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, propõe-se o desenvolvimento de práticas de letramento historiográfico digital, compreendidas como a capacidade de investigar criticamente as representações visuais que circulam nos meios digitais, considerando sua procedência, seus contextos de produção, as informações que apresentam e sua relação com outras evidências. Para isso, o professor pode utilizar imagens sintéticas e fotografias como objetos de investigação, incentivando os estudantes a questionarem quem produziu determinada representação, qual acontecimento ela pretende retratar, quais interesses podem estar envolvidos em sua divulgação e quais elementos permitem confirmar ou questionar as informações apresentadas.

As duas reportagens analisadas oferecem possibilidades para esse trabalho pedagógico. A partir delas, os estudantes podem comparar as imagens divulgadas com outros registros disponíveis, examinar as alegações que as acompanham e discutir como determinadas representações podem influenciar a interpretação de acontecimentos e disputas sociais. Dessa maneira, a inteligência artificial deixa de ser abordada exclusivamente como uma ameaça à informação e passa a constituir também um objeto de investigação histórica. O objetivo não é ensinar os estudantes a desconfiar indiscriminadamente de toda imagem, mas desenvolver procedimentos que lhes permitam formular perguntas, confrontar evidências e construir interpretações fundamentadas.

Portanto, o letramento historiográfico digital pode contribuir para aproximar o ensino de História das experiências cotidianas dos estudantes, incorporando questões relacionadas à produção e ao compartilhamento de informações visuais. Ao mobilizar os procedimentos da crítica documental diante das imagens contemporâneas, o professor favorece uma aprendizagem que reconhece as representações como construções históricas e estimula uma postura mais investigativa diante dos conteúdos que circulam na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida neste artigo buscou analisar os desafios epistemológicos e pedagógicos colocados pela inteligência artificial generativa à utilização da imagem como fonte histórica, considerando suas implicações para o

ensino de História na Educação Básica. A partir das contribuições da historiografia, dos estudos sobre fotografia e das reflexões acerca das relações entre representação e realidade, foi possível discutir que as imagens não constituem registros neutros ou transparentes dos acontecimentos, exigindo procedimentos de contextualização, interpretação e crítica documental.

A análise das duas reportagens do "Estadão Verifica" permitiu discutir diferentes formas de produção e circulação de imagens sintéticas, evidenciando como representações visualmente convincentes podem ser utilizadas na construção de narrativas sobre acontecimentos e disputas políticas. Nesse sentido, a principal questão não está apenas em identificar imagens produzidas por inteligência artificial, mas em compreender suas condições de produção, os sentidos atribuídos a elas e os limites das informações que podem oferecer como evidências históricas.

Dessa forma, a hipótese inicial é reafirmada: a inteligência artificial generativa não inviabiliza a utilização das imagens como fontes históricas, mas torna ainda mais necessário o aprofundamento dos procedimentos de crítica documental. No campo educacional, essa discussão aponta para a importância de desenvolver práticas de letramento historiográfico digital, capazes de aproximar o ensino de História dos desafios contemporâneos da informação e das representações visuais.

Por fim, reconhece-se que a pesquisa possui como limite seu caráter teórico-bibliográfico e a análise de um conjunto restrito de reportagens, não permitindo avaliar empiricamente a aplicação das propostas pedagógicas apresentadas. Como possibilidade de continuidade, destaca-se a realização de investigações em turmas da Educação Básica, buscando compreender como os estudantes interpretam imagens produzidas por inteligência artificial e de que maneira atividades fundamentadas na crítica documental podem contribuir para sua formação histórica.

**Palavras-chave:** Inteligência artificial, Ensino de História, Cultura visual, Fontes históricas, Letramento digital.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ISSN: 2358-8829

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BITTENCOURT**,** Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar Editor Ltda, 2002.

FRIOLI, Giovana. **Imagem de trabalhadora limpando pichação em metrô na Paulista foi criada com inteligência artificial**. Estadão Verifica, 13 out. 2026. Disponível em: https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/imagem-trabalhadora-limpando-pichacoes-falso-inteligencia-artificial/. Acesso em: 25 out. 2026.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: SP Editora da UNICAMP, 1990.

PIRES, Eva. **Montagem que compara atos de esquerda e direita na Paulista foi gerada com inteligência artificial**. Estadão Verifica, 21 out. 2026. Disponível em: https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/atos-direita-esquerda-paulista/
. Acesso em: 25 out. 2026.